



4 A gestão do afeto e o afeto da gestão: a crise na semântica do amor romântico a partir da “Trilogia do Antes” (1995-2013), de Richard Linklater* (The management of affect and the affect of management: The semantic crisis of romantic love from the “Trilogy of the Before” (1995-2013), by Richard Linklater)

*Recebido em:
09/08/2021
Aprovado em:
18/12/2021

Thomas Amorim**

**Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). As suas pesquisas se situaram predominantemente no campo da sociologia da cultura, sociologia econômica e teoria sociológica. Os temas de estudo focalizam relações entre afetividade e ideologia, representações artísticas e periodização do capitalismo e, atualmente, as contradições presentes no processo da globalização através da análise da obra de Fredric Jameson. E-mail: thomasamorim@usp.br. ORCID: 000-0002-1905-2789.

Por que existem tantos filmes, tantos romances, tantas músicas totalmente dedicadas a histórias de amor? Deve necessariamente haver no amor algo universal para que essas histórias interessem a um público tão amplo. O universal está no fato de que todo amor propõe uma nova experiência de verdade sobre o que é ser dois, e não um. (BADIOU E TRUONG, 2013, p. 29)



Resumo – *O código romântico é uma gramática de signos que orienta tacitamente a ação dos indivíduos em suas conexões afetivo-sexuais na sociedade contemporânea. Esse código é a sedimentação de um longo processo histórico que prossegue atualmente e altera constantemente as regras, pressupostos e predisposições sociais com relação ao flerte e às formas de conjugalidade entre casais. Hoje, os protocolos românticos precisam se adaptar tanto à crescente igualdade de gênero quanto à velocidade do consumo e à atomização social. A Trilogia do Antes (1995-2013), de R. Linklater, constitui no presente artigo um recurso analítico para a recapitulação da história do amor e a compreensão dos significados que concepções e gestos românticos adquirem numa era de amplo domínio da racionalidade técnico-econômica e colonização da cultura por demandas mercantis incessantes.*

Palavras-chave: *amor; intimidade; pragmatismo; atomização; pós-modernidade;*

Abstract – *The romantic code is a grammar of signs that tacitly guides the actions of individuals in their affective-sexual connections in contemporary society. This code is the sedimentation of a long historical process that continues today and constantly changes the rules, assumptions and social predispositions regarding flirting and the forms of conjugality between couples. Today, romantic protocols need to adapt both to increasing gender equality and the speed of consumption and social atomization. In this article, the Before Trilogy (1995-2013), directed by R. Linklater, constitutes an analytical resource for the recapitulation of the history of love and the understanding of the meanings that romantic conceptions and gestures acquire in an era of broad domain of technical-economic rationality and colonization of culture by incessant mercantile demands.*

Keywords: *love; intimacy; pragmatism; atomization; postmodernity;*



1. A própria possibilidade de que tal código comunicativo possa se erigir tem a ver com a infraestrutura biológica dos seres humanos, apta a fazer surgir formas de intimidade e exclusividade, que permanecem sendo lastros objetivos para os componentes simbólicos dos códigos íntimos, não importa qual mutação sofram. “Deve-se considerar também o fato de o mecanismo simbiótico da sexualidade ‘comportar diferenciação’ ” (LUHMANN, 1982, p. 108)

Introdução: o amor em crise

O amor romântico configurou-se nos últimos dois séculos como o código simbólico de relações íntimas duais, baseado tanto nos horizontes do arrebatamento e da sexualidade quanto na partilha material da vida. Muito mais do que afeto nascido espontaneamente da paixão sexual, o amor se revela uma instituição social *suis generis*, cuja legalidade interna consiste em atrelar dois indivíduos e os colocar em estado de interdependência em si e para si. Trata-se de uma conexão que se constitui e é regulada por meio de uma gramática de gestos e comportamentos específicos, com amplo reconhecimento social.

A atenção recíproca e a dádiva que caracterizam tal lógica se contrapõem marcadamente ao caráter instrumental do mundo público em sua forma hodierna. O âmbito afetivo e da erótica encontra-se relacionado, por oposição, a todo o conjunto do mundo da vida na sociedade burguesa, que se caracterizou pela ascensão da individualidade e pela ampliação das formas de conexão e troca num coletivo de seres humanos anônimos. Os indivíduos agora, em média, só podem obter o espaço para a gratificação dos seus desejos privados e o reconhecimento de suas particularidades por meio dos recursos fornecidos pelo

código romântico. “O amor é o consolo de quem nada mais tem” e sua proximidade e confidencialidade excepcionais foram socialmente sancionadas como refúgio da intimidade em tal contexto de diferenciação e individualização crescentes (LUHMANN, 1982, p.1).

“Que o mundo possa ser encontrado e experimentado de outra forma que não seja por uma consciência solitária, essa é a prova que todo amor nos oferece”, lê-se em Badiou e Truong (2013, p.30), onde se sublinha o caráter dual como o atributo fundamental do fenômeno amoroso. Essa dualidade excepcional configura uma forma social íntima estável, tal como a amizade, porém com o compromisso ou expectativa de partilha de desejos e projetos, com ampla integração e duração – o que inclui a sexualidade¹, a família, o coparticipação dos bens, etc.

Como código, o amor funciona como estímulo para o crescimento das sensibilidades privadas e desenvolvimento do anseio em relação ao “mundo pessoal” do outro, colocando em funcionamento a dialética na qual a comunicação com os recônditos íntimos do ser-outro se torna instrumento central da experiência psíquica de si mesmo. Tal instituição, por conseguinte, é fruto de uma engenharia social que se constitui como reação aos problemas de determinado ambiente histórico, um constructo que se



2. Quando as instâncias que interpelam os agentes crescem, cresce igualmente o processo de individualização que faz com que a manutenção de vínculos íntimos se torne mais onerosa por sua demanda de tempo e estabilidade. Contrariamente, em Badiou e Truong, o amor é definido como “uma aventura obstinada. O lado aventureiro é necessário, mas não menos necessária é a obstinação. Desistir diante do primeiro obstáculo, da primeira divergência mais séria, não passa de uma desfiguração do amor. O amor verdadeiro é aquele que triunfa de maneira duradoura, às vezes duramente, [sobre] os obstáculos apresentados pelo espaço, pelo mundo e pelo tempo.” (BADIOU E TRUONG 2013, 25)

fundamenta sobre a diminuição recíproca do “limiar de relevância” no que tange às características e personalidade de dois agentes humanos e seus universos subjetivos (LUHMANN, 1982).

Ao mesmo tempo em que o amor romântico se inclui dentre as competências essenciais para a formação da vida íntima contemporânea, o enriquecimento da reflexividade, com o qual ele contribui, acaba por solapar alguns de seus pressupostos e horizontes tradicionais.

Levanta-se uma dupla objeção aos seus mecanismos.

De um lado, pesa contra o código romântico o fato de que ele carrega a marca de suas origens e não elimina a dominação masculina. Trouxe consigo, por muito tempo, signos da hierarquia de gêneros, da heteronormatividade e do conjunto de ideologias forjadas no contexto de sociedades patriarcais. O afrouxamento da disciplina familiar e a crítica do tabu sexual pareceram colocar em xeque a estrutura simbólica da instituição romântica à medida em que desconstruíram a canônica naturalidade com que se via a divisão do trabalho em seus aspectos afetivos e sexuais. Uma “democratização da vida íntima” que permitiu aos indivíduos disporem mais livremente de seus destinos e os adequarem as suas predile-

ções e desejos, mais conscientes de suas conquistas e renúncias (GIDDENS, 2000).

De outro lado, a semântica romântica, que liberou as potências do prazer, foi debilitada por seu aspecto voraz quando o desejo passou a ser modulado pelo consumismo. Quaisquer compromissos não imediatamente utilitários ameaçam cair na obsolescência, sendo agora signos injustificáveis e irracionais de privação. O desenvolvimento da cultura pós-moderna que passa a ser a inversão do impulso originário da subjetividade burguesa, tornou o consumo uma necessidade mais feroz e menos predisposta às tradicionais postergações das recompensas de prazer que aquele código presumia (JAMESON, 1997).

Ao código romântico hoje se opõem, portanto, tanto sua genealogia ligada às forças opressivas tradicionais quanto a volição desenfreada do universo mercantil. O ideário de independência passou a se sobrepor ao ímpeto romântico, a semântica do “perder-se no outro” recuou diante da necessidade de gerir os próprios afetos, desejos e trajetória com flexibilidade e senso prático². A “dupla liberdade” se afirma à medida em que os indivíduos podem determinar o teor de suas experiências contra as coações da religião, da família e da lei tradicional, mas, si-



multaneamente, surge a desvinculação como necessidade. Uma espécie de prisão na lógica do um estreita os horizontes volitivos individuais aos imperativos da autopreservação e ao cálculo dos proveitos imediatos.

A crise do código romântico se faz sentir igualmente quando a instituição que significou a liberdade passa a ser problematizada por muitos não só como fantasiosa e repressiva, mas como fardo antiquado proveniente de carências e debilidades individuais.

O enigma é compreender as reconfigurações do código no momento em que sua semântica se torna mais ambivalente: sustenta o anseio pela relação duradoura e comunhão, mas o despe não apenas do constrangimento da legalidade tradicional, como tende a desfazer laços sólidos, a minar a estabilidade dos vínculos íntimos.

A Trilogia do Antes: o amor como problema histórico

A Trilogia do Antes (1995, 2004, 2013), do diretor Richard Linklaker, nos servirá como guia através das contradições do amor contemporâneo, na medida em que cativou um público fiel de espectadores como sendo uma versão atualizado do código romântico, a

representação do amor nos tempos da globalização. O enredo feito para *millennials* reverbera as experiências de desenraizamento social dessa geração através da representação de uma situação social tanto de maior mobilidade espacial quanto de desligamento dos aparatos de controle familiar sobre o engajamento afetivo e sexual. Trata-se do período histórico em que o triunfo moral sobre a legalidade tradicional aparece como completo para setores médios das sociedades capitalistas modernizadas, trazendo consigo a incerteza renovada acerca da normatividade afetiva.

O enredo de *Antes do Amanhecer* (1995) constitui didaticamente a suspensão de todos os constrangimentos (ou seus vestígios) da situação familiar e das restrições de localidade quando nos mostra o futuro casal Jesse (Ethan Hawke) e Celine (Julie Delpy) no vagão de um trem internacional, sozinhos, desconhecidos, de línguas maternas e nacionalidades diversas. O primeiro estadunidense, a segunda francesa, ambos prestes a desfrutar um único dia em um terceiro país, a Áustria (Viena). Somente o interesse recíproco, o desejo e a construção da intimidade funcionam como balizas para a história prestes a começar.

Jesse e Celine podem dramatizar as condições românticas atuais porque se apresentam um ao ou-



tro como perfeitos estranhos, encaram a heterogeneidade e alteridade em diversas dimensões, ao mesmo tempo em que se sentem mutuamente atraídos e interessados. É justo supor que em tais condições a máquina semântica do amor possa funcionar com eficiência máxima: a situação do par de desconhecidos filtra todos os corpos estranhos que poderiam retardar ou mitigar o encontro transformador romântico. A intimidade em formação é poderosa porque os dois mundos subjetivos podem se integrar sem nenhum ruído ou ponto de fuga.

O casal Jesse-Celine sustenta a expectativa da comunicação amorosa e da realização da intimidade integral, porém só pode se aproximar desse objetivo por meio da reflexividade extremada e do domínio gerencial sobre as próprias emoções. Elas devem ser manejadas equilibrando simultaneamente a intensidade do prazer recíproco, a leveza da escolha à luz das insistentes projeções de durabilidade e os receios relacionados aos riscos efetivos do logro, da má-fé, da insignificância, da efemeridade e desigualdade. Já a ocasião a proporcionar o flerte funciona como presságio do desgaste e dos demais riscos da duração, pois um casal de meia-idade briga a respeito de desinteresse, compulsões e ameaças de separação.

O enredo é revelador quanto às continuidades

e discontinuidades históricas do código romântico e pode propiciar uma breve recapitulação sobre os signos do amor e a metamorfose de seus elementos componentes à luz do duplo desafio referido acima.

Estamos visivelmente distantes da figuração clássica da paixão como impossibilidade ou paradoxo – amor proibido, patologia sem cura, submissão escolhida ou prisão desejada – que caracterizava o adultério idealizado trovadoresco e o amor-paixão. Ao contrário, o código tendo agora extirpado tais aporias não pressupõe ou mesmo admite a insatisfação e a negatividade de quaisquer sofrimentos prolongados. Como veremos, tal modificação dos termos do relacionamento íntimo parece implicar antes a reformulação das contradições do engajamento íntimo do que uma síntese linear, límpida e clara (LUHMANN, 1982).

O estabelecimento da conexão inicial que envolve dúvidas e riscos, torna-se possível apenas à medida em que as barreiras da impessoalidade pública são contornadas pelo trabalho simbólico dos amantes, que precisam expor aspectos privados ainda sem as garantias da aceitação e correspondência. O relacionamento tem sua partida na troca de olhares, na vaga identificação de compatibilidade (os livros que leem) e na iniciativa de Jesse, que emite sinais de interesse e confiabilidade. As mensagens genéri-



3. “Ah, Romeu, Romeu! Por que tinhas de ser Romeu? Renega teu pai, rejeita teu nome; e se assim não o quiserdes, jura que me tens amor e deixarei de ser uma Capuleto (...) É só o teu nome que é meu inimigo. Mas tu és tu mesmo, não um Montéquio. E o que é um Montéquio? Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem qualquer parte de um homem. Ah, se fosse algum outro nome! O que significa um nome? Aquilo a que chamamos de rosa, com qualquer outro nome teria o mesmo e doce perfume. E Romeu também, mesmo que não se chamasse Romeu, ainda teria a mesma amada perfeição que lhe é própria, sem esse título. Romeu, livra-te de teu nome; em troca dele, que não é parte de ti, toma-me inteira para ti” (SHAKESPEARE, 2010, p. 53–54)

cas de disponibilidade mútuas funcionam como pré-condição semântica para o desenvolvimento da intimidade, enquanto o acaso comparece quando uma discussão de terceiros faz Celine se deslocar para o assento vizinho ao de Jesse.

Ora, a origem do flerte no umbral entre o mundo público e privado remonta à disputa de fronteira entre os indivíduos e a família patriarcal, que tinha estabelecido o domínio sobre o âmbito da erótica. Na luta contra a legalidade da família tradicional e seu domínio da propriedade e do nome, a modernidade do amor romântico é ter estabelecido o espaço do corpo e da paixão. É nesse sentido que *Romeu e Julieta* apresenta-se como caso emblemático da formação da sociedade burguesa emergente, porque reivindicou para os amantes o direito de dispor sobre o destino por meio da legitimidade que conferiu aos sentimentos em face da lei tradicional (CASTRO, BENZAQUEN, E GERD BORNHEIM (ORG), 1978). O princípio de realidade da sociedade moderna rene-gou as amarras e os princípios, agora estereotipados, da comunidade pré-moderna (nomes, hierarquias e tabus)³ (JAMESON, 2015).

Foi no século XIX que tal independência da comunicação e escolha se materializou. O “casamento por interesse” começou a se tornar “vergonhoso” jus-

tamente nesse ponto. O que era padrão e sensatez se tornou, no curso de poucas gerações, escândalo. A família constituída com base nas regras do código romântico passou a ser tida como exclusiva perspectiva legítima para os homens e as mulheres formarem novas famílias. E o bem-estar do corpo foi largamente redefinido no escopo do saber médico, na medida em que se passou a sublinhar as virtudes do vigor desportivo inclusive para os corpos femininos, substituindo a ênfase na delicadeza, no sedentarismo e sobrepeso – que anteriormente eram o padrão de saúde e beleza da mulher (DEL PRIORI, 2005).

Quando voltamos a *Antes do Amanhecer*, constatamos a recapitulação de tais significados e sentidos do engajamento amoroso nos gestos simples dos enamorados. Celine, ao aceitar conversar e posteriormente desembarcar com o desconhecido, demonstra-se herdeira da modernização romântica: mostra que o interesse é correspondido e dá início ao romance que se desenvolverá na capital austríaca e prosseguirá nas duas sequências do filme⁴.

Porém o casal Jesse-Celine já está muito distante das personagens de Shakespeare no sentido de que a iconoclastia do casal contemporâneo se volta contra uma força já desconstruída e excomungada. A família já não era desafiada e superada, e sim apaga-



4. O jogo de sedução tradicional porta diferenciação dos papéis de gênero, conferindo à personagem masculina a atribuição da iniciativa e à feminina prerrogativa da decisão. O “empoderamento” feminino potencializaria a energia social do casal e resultaria no incremento produtivo da tensão que caracteriza o enamoramento – para além da anuência, o interesse ativo (ALBERONI, 1988). O processo se mostra mais contraditório à medida em que a democratização vem acompanhada da instrumentalização afetivo-sexual (ALBERONI, 2005).

5. Tal reconfiguração significava enterrar o estatuto antiquado da moralidade cristã, com sua estigmatização da sexualidade – que poderia ser sintetizada na

da através da exclusão do nome e da vontade reflexiva de se evitar quaisquer roteirizações e esquematizações do romance. Ao mesmo tempo, veremos que a autonomia e reciprocidade inúmeras vezes fortalecidas ainda se verão emaranhadas e embaraçadas com as amarras patriarcais e as dúvidas sobre o significado existencial do amor, porque uma crescente problematização e insatisfação quanto às assimetrias de gênero e propósito do vínculo íntimo se manifesta desde o começo da *Trilogia do Antes* até chegar aos efeitos mais dramáticos na terceira sequência do filme, *Antes da Meia-Noite* (2013).

Antes do Amanhecer: os sentidos do amor contemporâneo

O regime de historicidade do código do amor romântico foi o mesmo da modernidade, cuja tendência era a projetividade de horizonte abertos e situações únicas, ao invés da submissão ao aspecto modelar do passado. A maturidade das condições sociais modernas implicou na criação de um universo de expectativas sociais muito mais voltado para a individualização, agilidade e autonomia de mundo subjetivos particulares, sobrepondo a atividade à passividade,

a iniciativa à obediência e a rapidez à morosidade no conjunto mais variado de âmbitos da vida.

Os sujeitos juridicamente livres, na época do trabalho abstrato e da livre iniciativa, erodiram as bases das hierarquias familiares milenares e fizeram de si mesmos os responsáveis por seus destinos⁵. Com o escanteamento dos preceitos moralistas por uma sociedade secularizada, a culpa também teve de mudar a sua morada, a má-consciência deslocou-se para o terreno dos potenciais não realizados, dos desejos insatisfeitos ou frustrados.

É por isso que Adorno e Horkheimer denunciaram na família e no calor de seus vínculos afetivos a sua convivência com os tabus, com a opressão das mulheres e com a rigorosa separação entre atividades masculinas e femininas – que permitia tanto a manutenção dos papéis funcionais dos indivíduos no universo mais amplo da divisão social do trabalho quanto no âmbito doméstico. Jesse e Celine alegorizam a recusa determinada a todo esse mundo da vida à medida em que se recusam a enunciar o seu pertencimento a qualquer coletividade, desconhecem e desinteressam-se pelos respectivos sobrenomes! Eles se afirmam como absolutamente desatrelados de tais formas de vida antigas à medida em que se apresentam como iguais no que diz respeito aos seus



concepção tripla de “leviandade do sentimento, dever do casamento e pecado do prazer”, cujo advento pode ser buscado antes mesmo do estabelecimento oficial do cristianismo em Roma (SIMMONET ET AL., 2003).

direitos privados e a autonomia de seus desejos.

A crise da família é de natureza social [...]. Enquanto a família garantia a seus membros proteção e calor, a autoridade familiar encontrava uma justificação; além disso, a propriedade hereditária constituía um sólido motivo de obediência para os herdeiros. Hoje, num mundo onde a capacidade técnica e a habilidade diante de qualquer situação começam a ser decisivas para a sorte de cada um e onde a propriedade burguesa perdeu qualquer conteúdo ou foi destituída para um número crescente de famílias, o conceito de herdeiro é esvaziado de todo significado [...]. No banco dos réus, estão também todas as renúncias aos instintos que a disciplina familiar impunha a seus membros, sem que eles pudessem sempre ter consciência de sua justificação; e sem que, na maioria dos casos, pudessem acreditar verdadeiramente num resgate futuro – por exemplo, na forma de bens hereditários – como ocorria aos mais favorecidos no apogeu da época liberal. A autoridade familiar, já como autoridade do tabu sexual, vê diminuir a sua eficiência, por causa do fato da família não mais garantir de modo seguro a vida material de seus membros e não mais proteger suficientemente o indivíduo contra o mundo exterior que pressiona de modo cada vez mais inexorável. Vacila o equilíbrio de

equivalentes entre o que a família exige e o que ela dá; e, por isso, todos os apelos às energias positivas da família enquanto tal caem no vazio (ADORNO E HORKHEIMER, 1981, p.219).

O que se transformou foi todo o sistema de expectativas individuais, fazendo com que a família patriarcal extensa, como figura do antigo estado de coisas, tenha tido a sua centralidade rompida, seus valores rechaçados e hierarquias confrontadas. De forma crescente, direitos individuais foram sendo reivindicados (trabalho feminino, liberdade sexual, divórcio, etc.) e tais conquistas, ainda quando parciais, transformaram profundamente a simbologia dos relacionamentos íntimos. Assim, os indivíduos passaram a ver como metafísica vã a sacralidade do aparato coletivo da família antiga, abrindo espaço para a família nuclear e a liberdade afetivo-sexual dos parceiros solteiros.

Cada vez mais, o código do amor romântico se tornou socialmente indispensável como projeto de reconhecimento e lugar da intimidade num mundo de isolamento individual incontornável. Luhmann ressalta que a individualização aumenta a superfície de contato possível entre agentes cada vez mais idiossincráticos (“despertos para o próprio mundo”)



e desejosos do reconhecimento que se realiza tanto na cumplicidade existencial dos parceiros quanto na intimidade física. O casal moderno exerce a dupla função de dar suporte psíquico à atomização social e ampliar o significado produtivo da personalidade, de tornar as personalidades aptas a realizarem suas necessidades de dar, retribuir, corrigir e confirmar os seus caracteres distintivos, como “ser-experimentado-pelo-outro” (LUHMANN, 1982).

Em sintonia com tais tendências, o código da intimidade passou a constituir o escopo cultural da alma, tornou-se parte da realização projetiva da felicidade na esfera etérea da “interioridade”. Marcuse afirma que o lugar do amor na cultura provém da mesma fonte que a própria divisão do sujeito entre corpo e alma, qual seja a miséria da vida concreta transmutada na mera imagem da satisfação. Ao mesmo tempo, essa imagem sublimada, contém “não apenas uma justificação, mas também a dor provocada por sua presença” (MARCUSE, 1967, pp. 17,18). Ou seja, o ideal romântico nasce do isolamento do indivíduo, o perpetua e o nega.

Porém, mesmo esse vínculo comunicativo deradeiro e mínimo entre duas pessoas, encontra-se em contradição com as tendências gerais da sociedade. Apesar de depurados os constrangimentos fa-

miliares e controladas as tendências antissociais – o excesso como lei e da moderação como absurdo –, o código romântico pode falhar, porque pode ver a empatia ruir num contexto em que as exigências de individualização e presteza são incrementadas. A privatização ampliada da vida pode tornar custosa a manutenção até da solidariedade a dois e o imperativo da eficiência sobrepor-se aos gestos gratuitos do romantismo.

Desde o começo, o código portava o risco iminente da ruptura do fluxo de comunicação íntima em decorrência da rotina e perda de vitalidade do envolvimento. O contato pode ter sua lógica dual do “crescendo-com-o-amor” alterada para os símbolos do “como-sempre-é” (LUHMANN, 1982). Os riscos de fracasso comunicativo, sem dúvidas, são maiores numa sociedade voltada para demandas permanentes de consumo em que se ameaça o enamoramento e tudo o mais com as sombras do desinteresse e da monotonia (BADIOU E TRUONG, 2013, p. 47).

A personalização das demandas, a gestão de prazeres e desprazeres, arrisca-se a continuar até gerar a atomização social, erguer barreiras quase intransponíveis de desconfiança e competitividade entre as pessoas e desativar os instrumentos generosidade, atenção e espontaneidade, que são parte do acervo



6. “O que é verdade nisso tudo é o discernimento da dissociação do amor, obra do progresso. Através dessa dissociação, que mecaniza o prazer e distorce o anseio em trapaça, o amor é atacado em seu núcleo. Quando Juliette faz do louvor da sexualidade genial e perversa uma crítica do não natural, do imaterial, do ilusório, a libertina já passou ela própria para o lado dessa normalidade que deprecia não somente o arrebatamento utópico do amor, mas também o gozo físico, não somente a felicidade mais celestial, mas também a mais terrena. O devasso sem ilusões que Juliette defende transforma-se, graças a terapia sexual, a psicanálise e a terapia hormonal, no homem prático e aberto que estende à vida sexual sua fé no esporte e na higiene. A crítica de Juliette é dividida como o próprio

de técnicas afetivas do código romântico.

A crise da família é crise integral do humanitarismo. Precisamente no momento em que se desenha a possibilidade plena do direito humano da emancipação da mulher, obtida graças à emancipação da sociedade, desenha-se igualmente – com igual força – a recaída na barbárie, em consequência da atomização e dissociação da coletividade. (ADORNO E HORKHEIMER, 1981, p.219)

Os ornamentos românticos e familiares seriam desconstruídos e substituídos pela crueza do cálculo higiênico, o sentimentalismo das hierarquias tradicionais pelas frias hierarquias do interesse racionalizado. A régua para todos os sentimentos, pensamentos e propensões, de acordo com os filósofos, passa a ser tacitamente reconsiderada por critérios de uma espécie de utilitarismo íntimo. Assim, a gestão do afeto tenderia a se metamorfosear no afeto da gestão e os objetos que inspiravam desejo e ameaçam a estabilidade do ego passariam a ser recebidos em doses sucessivas de ansiedade e descrença.

As próprias perversões projetadas na mentalidade de autores como o Marquês de Sade fariam com que a desmitologização do mundo patriarcal se confundisse com a mitologia renovada do planejamento

e ordenamento funcionais das experiências da vida, tornando a própria libertação do gozo simultânea à sua neutralização na pretendida previsibilidade monótona do interesse pessoal.

O respeito próprio das pessoas cresce proporcionalmente a sua fungibilidade. A oposição à família não é mais uma audácia, do mesmo modo que o namoro com o *boyfriend* tampouco é o paraíso na terra. As pessoas assumem em face das outras aquela relação racional, calculadora, que há muito fora proclamada como uma antiga sabedoria no círculo esclarecido de Juliette [personagem de Sade]. O espírito e o corpo são separados da realidade, como haviam exigido aqueles burgueses indiscretos. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 90)⁶

Anthony Giddens, contrariamente, vê no movimento dessa racionalização e individualização um fenômeno significativo para o desenvolvimento da igualdade entre os seres humanos, que se veriam finalmente livres para engajarem-se em seus relacionamentos íntimos para além de quaisquer tabus sociais e tomando o “desenvolvimento do eu como prioridade”. Tratar-se-ia de uma revolução na vida privada similar à grande transformação da vida pública efetivada pela Revolução Francesa, e que com-

esclarecimento. Na medida em que a destruição sacrílega do tabu, que se aliou em certa época à revolução burguesa, não levou a um novo senso de realidade, ela continua a conviver com o amor sublime no sentido de fidelidade a uma utopia agora mais próxima e que põe o gozo físico ao alcance de todos”. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 91)

7. O culto florido da mulher no Ocidente nunca pode lidar efetivamente com o fantasma do rebaixamento da figura feminina. E o retorno do reprimido sempre esteve à espreita: “A tentativa do cristianismo de compensar ideologicamente a opressão do sexo pelo respeito à mulher e, assim, enobrecer a reminiscência dos tempos arcaicos, ao invés de simplesmente recalca-la, é respondida com o

pletaria esta última no sentido da liberdade das pessoas com relação aos velhos atavismos que regiam as lógicas da esfera pública e do matrimônio até então. Os ornamentos e as leis das sociedades patriarcais e hierárquicas finalmente estariam sendo vencidos pelas forças progressistas da liberação afetiva e sexual⁷ (GIDDENS, 2000).

Giddens anuncia o advento do “relacionamento puro” como a normatividade contemporânea a enformar os relacionamentos amorosos numa época em que os poderes tirânicos da família, da autoridade religiosa e dos preconceitos morais cederam frente aos interesses recíprocos dos indivíduos em sustentar o vínculo afetivo, ou seja, finalmente, constituiu-se algo como a “democratização da vida íntima”. Cada vez mais “manter-se associado” torna-se prerrogativa pessoal e sobretudo as mulheres se veem livres da agora mitológica superioridade fálica masculina e das inúmeras renúncias individuais em prol de compromissos familiares e sociais aos quais se encontravam submetidas compulsoriamente (Giddens 2000).

Por outro lado, o sociólogo inglês adverte que a autodeterminação recém conquistada não apenas desarma os entraves antiquados do passado como, inversamente, fomenta inseguranças e tem diante

de si o fantasma da codependência, do obstáculo à felicidade constituído pelo apego irracional e permanência autodestrutiva de casais em duplos vínculos, sustentados a despeito do bem-estar próprio e do outro. Seria o amor homoafetivo o pioneiro na superação dessas armadilhas à medida em que oferece o modelo de um “amor confluyente”, posto que a sua marginalidade social o teria involuntariamente protegido dos convencionalismos patriarcais e colocado a liberdade pessoal acima dos mesmos (GIDDENS 2000).

A descrição de Giddens – não importando aqui a sua acuidade na distinção entre aspectos coercivos e o inovadores referentes aos relacionamentos homossexuais – é muito pertinente para descrever a postura de Jesse e Celine em *Antes do Amanhecer*, onde o deslocamento permanente pela cidade estrangeira simboliza simultaneamente o desterro, o desacoplamento e a surpresa permanente das personagens perante os cenários que comparecem diante deles, tanto quanto a aceitação consciente dos benefícios e riscos de tal condição.

A incerteza sobre a reciprocidade e durabilidade é compensada pela leveza de espírito e liberdade carnal, a sombra da monotonia é substituída pela promessa de frescor enquanto durar o encontro de ambos. A moldura temporal do envolvimento, no caso,



rancor pela mulher sublimada e pelo prazer teoricamente emancipado. O sentimento que se ajusta à prática da opressão é o desprezo, não a veneração, e, nos círculos cristãos, o amor ao próximo dissimulou sempre o ódio proibido e obsessivo pelo objeto que não cessava de evocar a inutilidade desse esforço: a mulher. Ela pagou o culto da madona com a caça às bruxas, que não foi senão uma vingança exercida sobre a imagem projetiva da era pré-cristã, que punha secretamente em questão a ordem sagrada da dominação patriarcal. A mulher excita a fúria selvagem do homem semicovertido, obrigado a honrá-la, assim como o fraco em geral suscita a inimizade mortal do homem forte superficialmente civilizado e obrigado a poupá-lo". (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 92)

já é fornecida pelo indicador natural do amanhecer, que de antemão anuncia o fim da aventura amorosa e o fechamento natural de seu ciclo⁸. A brevidade compulsória apresenta-se como o limite natural do seu laço afetivo, o que carrega o efeito duplo de reforçar os sentimentos negativos de ansiedade, medo e insegurança e a promessa de intensidade absoluta nos instantes de amor.

O “relacionamento puro” de Jesse e Celine se concretiza na medida em que eles se mostram aptos a transformá-lo inteiramente no ato de se dispor ao outro no agora, de codificar a intimidade romântica através da copresença e diálogo espontâneo, que se garantem como condição suficiente e única para a formação do casal, ainda que efêmero. A metamorfose simbólica que constatamos é, portanto, respeitante ao próprio regime de historicidade do código romântico, que o faz deslocar-se das promessas providenciais de destino e eternidade para a dimensão espacial de oportunidade e interesse.

Porém, como se ilustrassem as insuficiências do “relacionamento puro”, Jesse e especialmente Celine parecem ainda se sentirem desconfortáveis com o princípio pontual do consumo e a falta de projetos futuros. Os amantes relutam em deixar o marco temporal do amanhecer determinar o fim de sua relação

e, portanto, marcam um reencontro em seis meses no mesmo local e lugar (a estação de trem onde desembarcaram juntos). Entretanto, como descobriremos nas duas sequências do filme, o lapso de contar com essas únicas referências e o desfortúnio do acaso farão com que tal reencontro falhe e o casal se veja vítima de sua liberdade.

Antes do Pôr-do-Sol: uma solução precária

O que acaba por predominar no restante da história não é a racionalidade, a emancipação e a autodeterminação preconizadas por Giddens, como veremos. Mais do que a insegurança, surgem uma série renovada de desafios às relações íntimas que fazem os sentimentos da solidão, da insegurança, da frustração e da incompletude dominantes na experiência dos protagonistas da trilogia. O desejo de conquistar a cumplicidade plena e o senso urgência e prioridade da satisfação privada conduzem à contradição interna da gramática romântica.

Antes do Pôr-do-Sol (2004), onde as personagens se reencontram em Paris graças ao romance escrito por Jesse documentando a história ocorrida entre eles, demonstra a importância do amor de uma só

8. Sobre a construção de uma cosmologia cíclica com relação ao amor romântico é interessante conferir o filme *500 Dias com Ela* (2009), que, de forma muito mais clara, alegoriza a vida amorosa como baseada numa espécie de natureza em que as quatro estações representam o começo, o desenvolvimento, a morte e o recomeço de uma nova paixão.

9. “Eu acredito que o contemporâneo ou pós-moderno ‘presente perpétuo’ é melhor caracterizado como ‘redução ao corpo’, enquanto o corpo é o que resta em qualquer redução da experiência ao presente como tal” (JAMESON, 2015, p. 28)

10. A série *Normal People* (2020) institui paralelo interessante com a *Trilogia do Antes*, na medida em que assinala igualmente os limi-

noite entre os dois. O ex-casal mantém a paradoxal conjugação de intimidade e reflexividade pública e seus diálogos são atravessados simultaneamente pela atração mútua e por uma espécie de esgrima verbal em que aparecem suas certezas e ideologias, gostos e desgostos, desejos e repulsas. Por outro lado, apesar de terem seguido caminhos muito diversos, os sentimentos mútuos seguem presentes e sugerem uma afinidade rara e única.

A despeito dos anos passados, encontram-se novamente no nebuloso contexto do flerte e do entusiasmo com a (re)descoberta dos afetos e desejos do outro. Ao mesmo tempo, carregam consigo a irreversível percepção do transcorrer do tempo e o insinuante amargor pelo que poderia ter sido. A coloração existencial do enredo se mostra o elemento preponderante e se revela nos arrependimentos e temores das personagens, no amadurecimento de suas personalidades, na etapa biográfica em que se encontram Jesse e Celiene e no envelhecimento do ator e da atriz⁹.

O casal em primeiro plano faz com que a apreensão da paisagem urbana sirva à problematização do drama amoroso particular, o pano-de-fundo do Sena e da catedral de Notre-Dame os instiga a refletir sobre a efemeridade da vida, a beleza, o conformis-

mo e inconformismo. Com o foco exclusivamente intimista, a dupla eclipsa o mundo social ao seu redor, reforçando a primazia de seus sentimentos recíprocos, de suas vontades e dores demasiado humanas¹⁰.

A autonomização de seus mundos subjetivos resulta, porém, na carência de identidade de seu relacionamento, no distanciamento e na formulação de uma espécie de jogo esquizofrenizante em que os amantes recorrem a signos de pertencimento e independência, simultaneamente. O código romântico parece assumir uma forma autodestrutiva à medida em que já não pode gerar a troca duradoura no âmbito da intimidade e as personagens acabam por auto boicotar as próprias expectativas através de uma reflexividade interminável, a permutação cíclica entre a memória e o esquecimento, a fidelidade e a infidelidade, a esperança e a desesperança.

Porém, a valsa de Celine ao fim do filme sugere que a relação íntima pode ser recodificada, desde que se opere o difícil deslocamento da correlação entre compromisso carnal e compromisso espiritual. Aos 1’20”16” de *Antes do Amanhacer*, Celine declara a perenidade dos seus sentimentos, a despeito das desventuras da dupla e da indeterminação de ambos enquanto par romântico:



tes gerados pela não-comunicação como constituintes das subjetividades modernas. O casal Marianne (Daisy Edgar-Jones) e Connel (Paul Mescal) sofre por sua incapacidade de compreensão recíproca e empatia, o que resulta na combinação da promessa constante de gratificação erótica e o desconforto com relação ao seu inescapável isolamento. Por um lado, o seu sofrimento parece exclusivamente fruto de sua incapacidade subjetiva, por outro, insinua-se a estrutura social que antagoniza o âmbito privado com o público.

11. Luhman nos lembra que, inversamente, ocorre algo como a “masculinização” da intimidade, no sentido de sua racionalização segundo critérios utilitaristas (LUHMANN, 1982).

Deixe-me cantar-lhe uma valsa/De lugar nenhum, dos meus pensamentos/Deixe-me cantar-lhe uma valsa/Sobre essa única noite/Você foi, para mim, aquela noite/Tudo que sempre sonhei na vida/Mas agora você se foi/Foi para tão longe/No caminho para sua ilha chuvosa/Foi, para você, só uma noite/Mas você foi muito mais para mim/Só pra lhe dizer/Não ligo para o que dizem/Sei o que você significou/para mim aquele dia/Só quero mais uma chance/Só quero mais uma noite/Mesmo que não pareça certo/Você significou tão mais para mim/Que qualquer um que conheci antes/Uma única noite com você/Valeu mil com outra pessoa/Não tenho amargura, meu querido/Nunca esquecerei essa única noite com você/Mesmo amanhã, em outros braços/Meu coração continua a ser seu até morrer/Deixe-me cantar-lhe uma valsa/De nenhum lugar, da minha tristeza/Deixe-me cantar-lhe uma valsa/Sobre uma adorável única noite (LINKLAKER, 2004).

Uma síntese tensa, mas capaz de unir a fé perseverante no amor romântico e os acidentes na trajetória do casal.

O problema é que a forma contemporânea do desejo em si mesma produz contradições, dividida entre a compulsão por fruir¹¹ e os sentimentos de perda, o desejo de conjugalidade monogâmica e de

realização hedonista. Zygmunt Bauman ironiza o “relacionamento puro” como a racionalização mirabolante dos fracassos da vida privada contemporânea, pretensamente desmistificada, numa fórmula sociológica que se quer mais pura do que a pureza “cristã”, “patriarcal”, “monogâmica” e “estraga-prazeres” (BAUMAN, 2004).

O que Giddens forneceria seria a racionalização para a “sociedade líquida”, sociedade fluida na qual o privilégio da mobilidade se converteu antes na prisão da insatisfação crônica (BAUMAN, 2004). Ao retratar o passado como fonte dos males da vida íntima e o presente como espaço de realização da democratização, recai-se num maniqueísmo e se constrói o que Jameson (1992) costuma chamar “estratégia de contenção”, mediante a qual se impede a consideração de elementos contextuais do fenômeno social. No caso, o *status quo* íntimo é naturalizado, silenciando tanto determinações do “eu como prioridade” quanto as formas específicas do sofrimento contemporâneo. Aparentemente, o que o liberalismo de Giddens não vê é que a repressão da vontade era apenas a face externa da vontade constituída segundo padrões repressivos e nenhuma mão invisível garante a felicidade os indivíduos atomizados.

O risco é de que as relações íntimas, desde o co-



12. Algo similar a substancialização da paixão operada pelos antigos, ao invés do arrebatamento do amor-paixão. Difere igualmente da dialética do amor romântico, na qual o encontro dos amantes significaria a negatividade de ambos e de cada um na própria dualidade, no deixar de ser o que se é. (SAFATLE, 2015)

meço, sejam vistas em termos “protocontratualistas”, nos quais o que aparece como chave-mestra para quaisquer movimentos é a comparação dos atributos pessoais, o pesar e contrapesar do custo-benefício, a substituição do desinteresse pelo cálculo de vantagens e desvantagens particulares¹². Como se sabe, um grande percentual dos divórcios está relacionado não com dificuldades incontornáveis ou a crise na crença no código romântico, e sim com a esperança de um amor renovado. Mas a ideia de que sempre se pode achar um “amor melhor” trai precisamente a fantasia da fungibilidade universal dos indivíduos e a noção de que a perseverança na figura do casal é um esforço vão.

Badiou afirma que o amor é avesso à lógica em que o proveito próprio se torna maior do que o “dever do casal” (BADIOU, TRUONG, 2013, p. 56). O amor envolve a confiança no próprio projeto – sem garantias de evitar as dores, os percalços e precariedades – e, portanto, demanda uma racionalidade que excede o interesse individual, sua gratificação mais profunda envolve tanto o bem-estar pessoal quanto o deleite com o próprio pacto, com a correspondência e a reciprocidade daquilo que é diverso do ego.

Tendo como ponto de partida algo que, reduzido a si

mesmo, é um encontro apenas, quase nada, aprendemos que é possível experimentar o mundo a partir da diferença, e não só da identidade. E podemos, inclusive, aceitar as provações e aceitar sofrer por isso. Ora, no mundo de hoje, é amplamente difundida a convicção de que cada um segue apenas seu próprio interesse. O amor é então uma contra experiência. Mesmo que não seja concebido como a única troca de benefícios recíprocos, mesmo que não seja planejado com muita antecedência como um investimento rentável, o amor é, com certeza, uma confiança depositada no acaso. Ele nos conduz ao campo de uma experiência fundamental daquilo que é a diferença e, no fundo, à ideia de que é possível experimentar o mundo a partir da diferença. (BADIOU, TRUONG, 2013, p. 17)

Antes da Meia-Noite: a dupla crise do amor e a “razão cínica”.

Um dos indícios da crise romântica se pode perceber por meio da disseminação de algoritmos destinados a proporcionar o encontro de “parceiros ideais” por meio da mecânica justaposição de preferências, de relacionamentos visados, interesses e *hobbies*, ali-



13. A origem histórica da lógica emergente no âmbito afetivo parece advir das metamorfoses culturais do século XX, quando a frente ampla oposicionista dos anos 1960 discretamente se deslocou da perspectiva crítica para uma posição de inserção em novos estilos de consumo, instaurando particularismos e nichos comportamentais que tornavam o âmbito íntimo passível de mercantilização. Da perspectiva crítica da juventude francesa de 1968, pode-se dizer que o seu intento progressista se mostrou igualmente regressivo à medida em que a desconstrução das regras morais vigentes em sua época redundou na constituição de códigos sociais mais plurais e, no entanto, constituiu novos padrões heterônomos de comportamento pautados na eficácia do sucesso pessoal e eficiência subjetiva. O

nhamento político, etc. Socialmente os aparatos e a rede impessoal do mercado acabam por subordinar os aspectos irracionais e subjetivos do ritual amoroso e do enamoramento à sua racionalidade técnico-econômica¹³. (ILHOUZ, 2011; ŽIŽEK, 2011).

Eva Illouz repara justamente que a racionalização e a superoferta de parceiros potenciais vieram junto com a criação de toda uma economia do afeto que tende a criar a imagem do parceiro como mercadoria a ser consumida. E “o consumo da utopia romântica” não pôde gerar a difusão universal da satisfação amorosa, e sim o rebaixamento de expectativas e a instauração de uma lógica de encontros roteirizados e enamoramento procedimental – no qual o passo-a-passo de descobertas e desafios do engajamento íntimo parece se contrapor como abstração frente às ofertas abundantes de parceiros intercambiáveis (ILHOUZ, 2011).

Os “cardápios humanos” nos aplicativos de relacionamentos, por exemplo, obscurecem as dimensões sensórias do encontro e debilitam a competência de perceber o outro como qualitativamente único. Nada mais avesso ao enamoramento e sua propensão à diferença do que a lógica das identidades e da equivalência entre os indivíduos. Mas não se trata simplesmente de uma limitação das ferramentas virtu-

ais e do desenvolvimento tecnológico, e sim de toda uma postura cultural securitária mediante a qual o amor como “atração pela diferença, sua dimensão associal, seu lado selvagem e eventualmente violento” é substituído pela propaganda do sentimento “totalmente seguro” e civilizado (BADIOU, TRUONG, 2013, p. 60).

Decifrar o código romântico contemporâneo exige que se compreenda a orientação cultural ambivalente que tanto se norteia por concepções consumistas e hedonistas – quase cálculos de “utilidade marginal” –, como sustenta a pretensão e projetividade de vínculos íntimos duradouros e, inclusive, da família nuclear. Contradição que perpassa o aparelho psíquico dos indivíduos, onde o antigo superego repressor se tornou uma instância afirmativa, imperativa e coercitiva de desejo por realização plena do gozo:

Poderíamos nos perguntar: qual o problema com tal superpê? A princípio nada melhor do que uma instância psíquica capaz de impulsionar exigências de gratificação do gozo e que marcaria todos os discursos repressivos como o selo da obsolescência. Ela seria a realização perfeita desta moralidade libidinal necessária à multiplicidade plástica da sociedade de consumo. No entanto: “tal ordem [goza] é impossível de ser satisfeita”, e



derradeiro triunfo dos movimentos minoritários e libertários se confundiu inevitavelmente com a sua derrota e se deu algo como a transição da pureza sexual religiosa para a pureza da livre-iniciativa. (SIMONNET ET AL., 2003)

devemos nos perguntar de onde vem tal impossibilidade estrutural [...] Ele diz apenas um “goza” sem predicações, um puro “não ceda em seu desejo”. O caráter insensato deste puro gozo fica evidente se pensarmos que toda escolha empírica de objeto é inadequada a um gozo que procura afirmar-se em sua pureza de determinações, em sua independência em relação a toda e qualquer fixação privilegiada de objetos, que nada mais faz do que atualizar um excedente de gozo. Ou seja, estamos diante de um supereu perfeito para uma sociedade marcada pela obsolescência programada de mercadorias (SAFATLE, 2008)

Uma economia libidinal voltada à mobilização permanente dos desejos contradiz a ritualística do risco, da entrega e doação da arquitetura tradicional do amor romântico. O código romântico não muda sua composição na pós-modernidade, mas se reorganiza no campo de força da gestão afetiva. Ao mesmo tempo, a hipertrofia subjetiva se pauta por uma concepção de maior horizontalidade entre os indivíduos, tendo a dupla moral a separar os comportamentos masculinos e femininos se tornado ofensiva.

Quando voltamos a encontrar Celine e Jesse em *Antes da Meia Noite* (2013), o seu passeio por uma região grega nos mostra o casal numa típica crise de

meia-idade para o qual o portal da juventude foi fechado. O casal, agora pais de gêmeas, já não pode se dar ao luxo do tempo livre e só conseguem repetir a conversa despreocupada de outrora como presente de amigos com quem passam as férias. Dessa vez, no entanto, a sua rota pelas ruínas de Messênia revive os ressentimentos acumulados, condizentes com o período que viveram juntos, ao invés dos sonhos primaveris em Viena ou reparo de rumos em Paris. Aos quarenta e poucos anos, o ressentimento de Jesse é ter de viver longe do filho de seu primeiro casamento. Celine, por sua vez, se ressentido do fardo desigual que carrega para a manutenção da família e das renúncias que se avizinham profissional e pessoalmente à luz das aspirações do esposo de voltar a viver perto do filho, nos Estados Unidos.

Quando uma idílica lua de mel parece possível numa rotina que tem se tornado árida, a ligação do filho de Jesse interrompe as declarações de amor, o carinho e o sexo. O comentário ácido de Celine sobre a ex-mulher de Jesse é o bastante para detonar todas as mágoas do casal. A repartição desigual do trabalho doméstico e do cuidado, a vaidade masculina do escritor, a renúncia de Celine com relação às artes, o afastamento de Jesse em relação ao filho e a insatisfação sexual se apresentam numa torrente de

14. O caráter existencial da obra apenas se reforça em *Antes da Meia Noite*, embora numa tonalidade cinzenta. Ainda assim, Jesse e Celine parecem relutar contra as concepções de seus amigos niilistas no banquete onde se passam as cenas iniciais do filme. A reflexão do casal continua a ser sobre a perenidade dos laços afetivos e do significado de suas próprias existências, porém os diálogos juvenis pedantes se transmutam na agonia de sofrimentos maduros e na lida mais aberta com indignidades e obscenidades comezinhas. Um possível epílogo da história faria sentido no caso de abordar a velhice e uma visão retrospectiva sobre a vida e a morte e a limitação das más-escolhas que foram as únicas possíveis para os amantes.

agressividade e mal-estar. Os desafios superados e virtudes da relação se tornam defeitos, quando a anteriormente estimulante duplicidade nacional do casal se revela fonte de dificuldade, frustrações e traumas.

A explosão e revolta de Celine é pareada com a sobriedade e pragmatismo íntimo de Jesse. Em determinado momento, Jesse é confrontado por Celine acerca de uma traição passada, afirma amá-la, dedicar a vida a ela, aceitar todo o pacote de qualidades e defeitos da companheira como nenhum outro faria. Finalmente, aos 1'34"18", confessa a infidelidade e argumenta “eu não quero viver uma vida chata, onde duas pessoas são propriedade uma da outra. Onde duas pessoas estão institucionalizadas numa caixa que os outros criaram”. Recebe como resposta de Celine, “eu acho que não te amo mais”. A razão cínica de Jesse implica na conversão dos acidentes da trajetória na trajetória dos acidentes.

O desfecho do filme mostra a conversa dos cônjuges no bar. Celine pensa no divórcio como solução. Jesse barganha com a história da relação, com as renúncias que foram de ambos, com seus próprios limites e investe na sedução até o momento em que Celine volta ao jogo da erótica juvenil de ambos¹⁴. O divórcio seria a desistência de toda a história de amor e um recomeço tardio e melancólico. Por outro

lado, a persistência é outra forma de renúncia, espécie nova de conformismo que parecia tão antiquada mediante as liberdades pós-modernas. *A Trilogia do Antes* nos deixa diante dessa encruzilhada em que o duplo desafio da leveza do consumo e do peso do patriarcado só deixa ao amor alternativas que parecem se reduzir a escolha binária entre duas formas de resignação.

Conclusão: a contradição do gerenciamento

O romantismo de Celine e Jesse sempre fez com que vissem no seu relacionamento a possibilidade de serem fiéis aos seus sonhos primaveris e escapassem à insignificância e mediocridade. O que há de tradicional nas suas projeções é justamente o horizonte romântico de que somente em par, na dualidade do casal, pode-se desfrutar a experiência mais gratificante da intimidade, desenvolver a si mesmo e vincular-se à diferença e singularidade de outro ser humano.

Como diz Badiou (2013), o amor romântico se caracteriza por essa obstinada experiência excepcional que é viver a dois e apostar numa gratificação fundamentada sobre o contato desinteressado em termos de ganhos individuais, aceitando a transpo-



sição do eu como fonte de deleite. Nesse sentido, os erros do casal e os seus sofrimentos se inserem no quadro mais amplo de biografias compartilhadas, da lealdade existencial e da construção de uma comunidade a dois.

O roteiro escrito a seis mãos por Linklaker, Hawke e Delphy não nos fala sobre o “amor eterno”, e sim fornece uma resolução simbólica para as contradições e limites de nossa própria experiência no campo da afetividade, da intimidade e do reconhecimento (JAMESON, 1992). *Antes do Amanhecer* apresenta os protagonistas juvenis ansiosos com as possibilidades e ofertas de um mundo que parecia ilimitado e inesgotável. *Antes do Pôr-do-Sol* mostra a maturidade e a compreensão da raridade e importância de seu vínculo. *Antes da Meia-Noite* conserva todas as camadas do processo e revela os limites da aventura amorosa em nossos tempos.

O tom lúgubre com que se encerra a *Trilogia do Antes* parece ter a ver com a conciliação final entre a livre disposição de si e a recaída nas rotinas e padrões que o casal tinha buscado evitar e se debatido desde o começo. O emaranhado de desejo, companheirismo e ressentimento aparece especialmente nos rompan-tes de mágoas e ceticismo de Celine. Dessa forma, o “existencialismo” na *Trilogia do Antes* nos parece

como reativo às sombras da indiferença e do aprisionamento, geradas pela resolução imaginária das antinomias entre paixão e liberdade.

O deslizamento do desejo rumo à gestão de prazeres e desprazeres cria a disposição gerencial e a fé no caráter mensurável do bem-estar, fazendo surgir o pragmatismo íntimo ou “utilitarismo” de Jesse. Foi justamente o incremento das demandas a partir de certo momento pareceu concorrer para formas de impotência renovadas e a crise da confiança e responsabilidade afetiva. Ora, sabe-se que a lógica sacrificial do utilitarismo – que espera comparar matematicamente o valor das escolhas – mostra suas contradições ao subestimar precisamente o componente irracional do desejo, ao negligenciar o afeto e pressupor a unidimensionalidade da psique.

As personagens Jesse e Celine buscaram evitar o fardo do cotidiano e das normatividades por meio da reflexividade exponenciada com a qual desejavam construir uma relação de desfrute, cuidado e reconhecimento profundo. Porém as sobrevivências da desigualdade, o envelhecimento e o desencanto insistiram em assombrá-los ao longo da trama, contrariando o espírito produtivo e aberto de suas aspirações utópicas e juvenis.

Assim, a transformação libertária do código ro-



THOMAS AMORIM

mântico pareceu esquizofrenizante e ainda incapaz de habilitar a experiência da satisfação a dois. As vertigens de intensidade passional e a racionalidade administrativa no pacto romântico acabaram por escantear as dinâmicas de instauração do compromisso, bem como a segurança e a confiança, sem evitar por completo as assimetrias, a monotonia e a insatisfação.



Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor, e Max Horkheimer. “Sociologia da Família”. In **Dialética da família**, 210–22. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ADORNO, Theodor, e Max Horkheimer. **Dialética do esclarecimento**. São Paulo: Zahar, 1985.

ALBERONI, Francesco. **Enamoramento e amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

ALBERONI, Francesco. **Sesso e amore**. Milão: Rizzoli, 2005.

BADIOU, Alain, e Nicolas Truong. **Elogio ao amor**. Martins Fontes, 2013.

BAUMAN, Zygmund. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTRO, Eduardo Viveiros, Ricardo BENZAQUEN, e Gerd BORNHEIM (org). Romeu e Julieta e a origem do estado. In **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**, 130–69. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DEL PRIORI, Mary. **A história do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Unesp, 2000.

ILHOZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.



THOMAS AMORIM

JAMENSON, Fredric. 1992. **O Inconsciente político. A Narrativa como ato socialmente simbólico.** São Paulo: Ática.

JAMENSON, Fredric. **Pós-Modernidade: a lógica cultural do capitalismo tardio.** São Paulo: Ática, 1997.

JAMENSON, Fredric. *The Antinomies of Realism.* Londres: Verso, 2015.

LUHNANN, Niklas. 1982. **O Amor como paixão: para a codificação da intimidade.** Algés: Difel.

MARCUSE, Herbert. **Acerca del carácter afirmativo de la cultura.** In *Cultura y sociedad.* Buenos Aires, 1967.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** Cosac & Naify, 2015.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

Simmonet, Dominique, Jean Courtin, Paul Veyne, Jacques Le Goff, Jacques Solé, Mona Ouzouf, Alain Corbin, Anne-Marie Sohn, Pascal Bruckner, e Alice Ferney. **A Mais Bela História do Amor: do primeiro casamento na pré-história a revolução sexual no século XX.** Rio de Janeiro: Difel, 2003.

Žižek, Slavoj. **Primeiro como tragédia depois como farsa.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.



THOMAS AMORIM

Filmografia

500 Dias Com Ela. Estados Unidos, 2009. Dirigido por Mark Webb.

Antes do Amanhecer. Estados Unidos, 1995. Dirigido por Richard Linklater.

Antes do Pôr-do-Sol. Estados Unidos, 2004. Dirigido por Richard Linklater.

Antes da Meia-Noite. Estados Unidos, 2013. Dirigido por Richard Linklater.

Normal People. Estados Unidos, 2020. Dirigido por Lenny Abrahamson and Hettie Macdonald.